

O Gaiato

23 DE DEZEMBRO DE 1972
ANO XXIX — N.º 751 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Aqui Lisboa

Quando este número de «O Gaiato» estiver na rua, estaremos a poucos dias do Natal. Na Capital já há muito se notam os preparativos para essa época festiva. As árvores, as iluminações, os ornamentos das vias públicas, o esmero na decoração das casas comerciais, os presépios — são sinais evidentes de que algo de importante se aproxima. No ar, à mistura de certa poesia, de lendas, de tradições, já se sente o odor das especialidades de doçaria, como o habitual regurgitar de gente nos estabelecimentos, a começar pelas lojas de brinquedos. No entanto, se o Natal significasse apenas o que se aponta ou o que lhe seja equiparável, melhor seria bani-lo do calendário. E não são — Deus nos perdoe! — as bodas ou festas mais ou menos publicitárias do período que salvarão sequer as aparências.

Natal quer dizer nascimento do Menino-Deus e importa, pois, viver a Sua mensagem, **renascendo**, como o Mestre disse a Nicodemos, para que tudo seja salvo. «Porque Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu Seu Filho Unigénito, para que todo o que crê n'Ele não pereça, mas tenha a Vida Eterna» (Jo. III, 16). E crer no Senhor Jesus é procurar viver a Sua doutrina, dando testemunho dela na vida concreta de todos os dias, para lá das limitações de cada um. Viver o Natal é dar testemunho de Cristo nas múltiplas circunstâncias e ocasiões da nossa existência, realizando a Justiça e derramando à nossa volta o Amor. Se o dia 25 de Dezembro tem para nós esta significação, então sim, o natal é Natal. Caso contrário será hipocrisia, satisfação, ou um modo de se alienar, a si e aos outros. Em suma, mentira degradante.

Será Natal, por exemplo, viver-se regalado com ceias opíparas, em ambiente de autêntica instalação, com presépios e árvores de Natal à mistura, sem ter um pensamento ou uma atitude de fraternidade para com aqueles que nada têm e que, à mesma hora — e sempre! — não possuem o mínimo? Talvez

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

O tempo do Natal é o do nosso natal.

A pequenez desejada, a importância do coração na Obra da Rua, condizem com a Humildade do Presépio, com a ternura que Ele sempre inspira.

Trinta e três anos cumpridos, apesar da já notável grandeza do corpo — não deixam de ser aquelas notas característica essencial do espírito que Deus soprou em Pai Américo. A Obra «começou pequenina, como é próprio das coisas destinadas a ser grandes». Mas o seu ideal jamais pode perder de vista aquela condição **sine qua non** de entrada no Reino: «Se vos não tornardes como estes pequeninos...». E a ânsia da pequenez, do silêncio, da vida escondida — convêm ao plano do Espírito que, sombreando, nos gerou, nos fecundou dia-a-dia.

É certo que o corpo tomou forma e dimensões. É certo

O NOSSO ANIVERSÁRIO

que não pode esconder-se, nem é de esconder — que a luz não se põe debaixo do alqueire; e, mercê de Deus, a Obra da Rua, reflete-O, é luz da Luz. Mas ela deve guardar no seu corpo bem activo, uma alma contemplativa; diligente, como Marta; nostálgica da «melhor parte», como Maria.

Aparecer é, pois, testemunhar Cristo e afirmar a perene novidade do Seu Evangelho. Revelá-LO presente no meio dos homens, hoje, como ontem, como sempre: «Aquele que passa fazendo o Bem». Ele e

só Ele! Que de todos os mais só por analogia se pode afirmar o mesmo. Por analogia e na medida em que, conscientemente se escolheu viver com Cristo, por Ele, deixando-O actuar em nós.

«Por isso — escreveu Pai Américo — saibam esconder-se (os obreiros) em seus escritos, suas falas e tudo quanto seja expressão, para que a Obra de Deus resplandeça e converta». E mais: «Aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escre-

Continua na QUARTA página

FESTAS

Magno para mim o problema! Sabe-se como as desejava ano sim - ano não. Sabe-se como os nossos Amigos as desejam todos os anos. Ainda o correio de hoje trazia este testemunho tão qualificado, por vir de pessoa a quem a vida pesa, para quem festas... são a Festa do Gaiato:

«Eu já não sou nova, tenho 63 anos e soudenente... Cá vou matando as saudades de ver os gaiatos todos os anos quando há as festas, que nunca faltai a nenhuma, e ficava bastante triste se faltasse algum ano. O pior é eu ter de pedir ao patrão para me trocar a folga. Tenho que arranjar uma desculpa qualquer, se fosse a dizer que era para ir a uma festa, não me deixava sair».

Júlio e Bernardino vinham-me seringando, desde há semanas: — «Veja lá. Decida-se. O tempo voa e depois pior!».

Guardei a resolução para o conselho dos nossos padres: — «Que era assunto de cada Casa... Que resolvessê eu...». Ninguém acudiu à minha hesitação entre o valor das Festas e a perturbação interna que provocam... Pois resolvi não ser eu a dar a última palavra. Reuni os mais velhos; expuz razões pró e razões contra; sujeitei a decisão a plebiscito: Festas — sim? ou não?

Em 34 houve 28 sim e 6 não. E duas declarações de voto: — uma, dos primeiros: **sim, porque embora dificulte um pouco a nossa vida, também faz parte dela**; — outra, dos segundos, esta muito amplamente justificada, como vão ver:

«Devemos dizer NÃO às Festas.

I) O problema da nossa desorganização interna.

II) Se as fazemos por tradição e por manifestação interna, devemos acabar com o tradicionalismo e com o capricho das pessoas, se é que elas nos trazem problemas.

III) Mentalizar as pessoas que a nossa Festa, a partir de agora, é feita mas na nossa Casa. Não será a nossa organização a maior festa?

IV) Mentalizá-las e dizer-lhes que acarreta bastantes problemas mudar um curso de um rio de águas limpas que corre normalmente com um percurso organizado e mudá-lo de repente, desorganizando-o só para que as pessoas vejam que realmente as suas águas não são sujas.

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA



Uma rica imagem das Festas da nossa Casa de Benguela, no corrente ano — sob a batuta do Américo.

PELAS CASAS DO GAIATO

TOJAL

OFICINAS — Reina grande entusiasmo aqui, principalmente nos rapazes tipógrafos, pois que já cá estão vários técnicos, ocupados na montagem das máquinas da nova tipografia. As restantes oficinas a seu tempo também serão montadas.

CAMPO — Já acabou a apanha da azeitona.

Este ano a produção foi fraca, o que não estava previsto.

SAPATOS — São inúmeras as demonstrações de atenção aos pedidos feitos em números anteriores. No entanto, as dificuldades continuam. A razão é que entre os muitos sapatos vindos, poucos foram aqueles dentro das medidas indicadas.

Como se aproxima o período das chuvas e são as botas de borracha muito utilizadas nessas estações, vimos por este meio, tentar a sorte de sermos contemplados com qualquer calçado desta natureza, a fim de nos prepararmos para o que der e vier.

FUTEBOL — Depois de vários apelos aqui feitos, tivemos finalmente 3 ou 4 desafios consecutivos. Presentemente tal não acontece, o que é para nós muito mau. Mais um chamamento a juntar aos muitos outros. Entretanto, ficamos à espera.

SELOS — Pelo que tem chegado aos meus ouvidos, a campanha não vai mal, o que é ótimo e prova que não é preciso estar sempre a avisar os amigos leitores. Pois que assim continuem.

NATAL — Estamos na época natalícia, tempo em que se comemora o nascimento do Salvador.

Até nós têm chegado ofertas referentes ao nosso Cabaz do Natal. Tudo se prevê que o nosso Natal seja uma festa alegremente vivida.

Para todos os amigos leitores os melhores votos de um feliz Natal.

Jorge

CALVÁRIO

FRIO... — Está chegando. O que não é para admirar. Todos se acautelam. Mas aqui há, por vezes, casos que parecem anedotas.

Um deles: A Gracinda não gosta de tomar banho (Tomaria, verdadeiramente, alguma vez antes de vir para cá?..).

Para ela a água em cima do corpo é motivo de acumulação de roupa. F. vai daí... não tira, mas junta! Só se é para ver o melhor meio de engordar!

TRANSFORMAÇÃO — Aos poucos, as belas árvores vão dando outro aspecto a este recanto. Ficam despidas de folhas. São casos naturais. Mas

aqui, por vezes, há transformações bem agradáveis a sobreporem-se a outras menos boas. Sugeriu-me isto ver uma doente que vivia como um ser completamente inútil por ser anã, muda — a n o r m a l. E hoje? É na mesma. Todavia... a anormalidade não parece tão acentuada. Efeitos de quê? Não sabemos. O que vos podemos dizer é que não existia nela, antes, o sorriso que hoje ostenta quando faz qualquer trabalho: levar peças de roupa para a rouparia; abrir uma porta para outra pessoa entrar; e mais: quando a bolota caía, muito presenteira, aparecia com uma pequena lata cheia delas, demonstrando por grunhidos não ser tão inútil como parecia. E a verdade é que demonstrou bem. Passou de três sacos de 50 kg, quanto recolheu de bolotas! Pode parecer insignificante isto e outras coisas que vos contamos. Para nós tem um significado bem diferente. Verificamos neste meio que quando a Natureza muda de feição não é para espantar. Mas quem viu esta Maria Alice quando veio e como reagiu a tudo o que a rodeava, dirá com verdade: «Os homens irão festejar mais um Natal». Que bom seria haver entre eles a certeza de que Cristo quer reinar. E transformar outras Marias Aliças... Eis o Natal!...

Manuel Simões

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

INFORMAR, ESCLARECER — O lume ardia na lareira. Em volta, castanhas assadas. E o caldo fervia. Eram couves com adubo. Por adubo entendia-se carne de porco.

Enquanto o Pobre tratava do almoço, ia tomando o pequeno-almoço: castanhas assadas. «São do meu quintal...», esclarece d'olhos arregalados e boca cheia. Uma riqueza!

O nosso diálogo, porém, à volta do caldo e das castanhas, centrou-se num assunto muito importante:

— Sabe?, tenho direito a reforma!...

— Como, se V. não descontou nada prás Caixas e tem mais de setenta anos?!

— Disseram-me que sim...

— Quem?!

— Um amigo.

Fiquei espantado. Eu, que devoro a Imprensa d'alto a baixo, quando posso. Eu, que, por natureza, gosto de andar a par do mundo e das coisas do mundo, afinal não sei nada!

— Como pode ser isso?!, repeti.

— Se duvida, ajude-me, também, a saber a verdade. Olhe que foi dito por amigo de confiança!...

Hoje, ainda não. Amanhã, porém, vou meter pés ao caminho. E saber. Nós precisamos de saber, por mor da Justiça.

É pena um benefício destes, especial, não ser devidamente explicado nos meios rurais e em cada paróquia — por delegados ou responsáveis da Providência. É pena. E não seria difícil, que para outros actos de sobremos tudo se faz. Então, como? Mandar uma circular com os pontos-chave a Jun. as e Regedores e Párcos — mesmo às Conferências Vicentinas. O delegado ou delegados

dos responsáveis marcarão encontro com os interessados em qualquer local, até no descampado. E informavam. Esclareciam, em pormenor, que os trabalhadores rurais, a partir de determinada idade, inválidos ou não, apesar de nunca terem contribuído para a Providência, têm direito a x, e precisam de apresentar no departamento y, a documentação z.

Pelo que oiço, repito, não está bem. Uns, vão ao Grémio da Lavoura, que indica determinada papelada. Outros, à distante Casa do Povo; papelada diferente. Outros, ainda, a outras pessoas. Confusão. O reino da confusão!

Por amor dos nossos Pobres, vamos também saber como a coisa é. Meter-nos por atalhos, para saber da estrada que, para estes casos, deveria ter sido traçada sem curvas.

DONATIVOS — A torrente de migalhas continua, graças a Deus. É um fiozinho certo. Presenças espirituais. Testemunhos de Fé.

Ainda ontem, no escritório, aparece um casal de meia idade. Vinha da casa-mãe. «Aqui tem para a sua Conferência. Vai uma parte para cada lado, porque vocês têm muitos sectores»... Eram duas notas de 100\$00. Mais 200\$00 de Almada. E 50\$00 de Carcavelos. O dobro da rua Santa Marta — Lisboa. E uma carta de Lamego:

«Envio 50\$00 para aquele rapaz que teve necessidade de comprar uma motoreta. Peço desculpa da insignificância, mas os meus haveres também não são muitos. Peço uma Ave-Maria por minhas melhoras.

Anónima

Ó delicadeza! Entoámos a súplica à Mãe do Céu — e de todos os homens.

A propósito: Ontem, passámos à porta do funcionário público a quem ajudámos na compra da motoreta. Mãos ensaboadas, balde aos pés, limpava o veículo, amorosamente. Foi a melhor acção de graças da Missa dominical. Os olhos dele riam, ao longe. Os nossos, também. Não parámos. Estava gente. Mas cumprimentámo-nos. Ele ficou ocupado. E nós seguimos a pensar noutros. Dirigidos a outros cujos problemas são bem mais difíceis — por carências insuperáveis. Aqui reside a maior fatia da acção vicentina. O fazer e refazer. Contar uma coisa e sair outra. Não há dúvida, temos de pedir Força, para não desanimar. Inclusive, para suportar ser enganados por terceiros. É verdade. Acontece. Se há no mundo quem engane os Pobres, de tantas e tão variadas formas — mais facilmente enganam seus humildes servidores. Encarregamos, porém, da justiça, o Senhor da Justiça. Ele sabe. Fica nas Suas mãos.

Mais 200\$00 da Maria do Entroncamento, que nos diz:

«Meus caros confrades: Paz em Nosso Senhor Jesus Cristo. Em cumprimento duma promessa, aqui me têm a enviar esta lembrança para o Natal dos vossos Pobres. Felizes Festas para todos...»

De Mafra, velha amiga acentua:

«Nunca lhe mandei nada para a Conferência. Ai vão 50\$00. Gostava de saber se isto tudo foi recebido». Escrevemos e agradecemos.

Finalmente, carta de um cristão da Figueira da Foz. Respigamos alguns períodos:

«...Vai aqui uma migalhinha insignificante, para ajuda do Natal. É nada para as vossas necessidades! Nem chega a ser uma pequena gota de água no oceano. Mas Deus é Grande, é Infinito. Ele há-de ajudar-vos, iluminando quem possa ajudar-vos.

Nada mais, irmão.

Fico radiante com a emoção e a alegria de me unir assim a vós, nesta Quadra.

Os melhores votos de um santo Natal...»

Ó carta! Retribuimos, do coração.

Os donativos devem ser remetidos para Conferência de Paço de Sousa — Jornal «O Gaiato» — Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

NATAL — Estamos próximos da grande Festa do Natal. Como não podia deixar de ser, vive-se neste período do ano, com maior alegria e entusiasmo.

Ouve-se já, aqui e acolá, a discussão acerca do tradicional prato de batatas com bacalhau. Só é pena que nem todos os homens compreendam o verdadeiro sentido desta grande Festividade!

Vivamos, pois, este dia, numa alegria sem limites, onde todos se dêem bem — como irmãos.

Miranda do Corvo

A minha família é a Casa do Gaiato. Vim para ela há cerca de onze anos, e não estou arrependido de cá estar. Eu digo que esta é a minha família porque fui cá criado a maior parte dos anos. A Casa do Gaiato foi para mim uma família

muito carinhosa e também acolhedora. Nela dou-me bem com todos os meus irmãos gaiatos. Trabalho, vendo «O Gaiato» e tenho as horas vagas para descansar e para as minhas brincadeiras com os meus companheiros.

Gosto de jogar às escondidas, ping-pong, futebol, etc. Também gosto muito de fazer parte das Festas. E agora quero pedir que nos mandem muitas prendas de Natal.

Manuel António (Pretito)

FUTEBOL — Tivemos oportunidade de ir visitar um campo adversário.

Na nossa Opel e no velhinho Fiat fomos aos Moínhos, aldeia do nosso concelho.

Ali nos acolheram com carinho e amizade, como já esperávamos há muito tempo. Foi um jogo bem disputado da parte dos dois grupos. Ao fim do tempo regulamentar, sentimo-nos satisfeitos, não só como o jogo foi disputado, mas também com a nossa vitória.

Depois, ainda equipados, fomos chamados por muitos daqueles que assistiram e gostaram do desafio, pois queriam dar-nos dos seus mimos, carinhos, etc.

FUTEBOL — Depois de uma longa ausência do Carlitos, o nosso onze realizou um encontro de futebol com um grupo de escuteiros do Porto. Resultado final: 8-4 favorável aos da Casa.

OBRAS — Começaram as obras na vacaria. Para lá se dirigiram os operários e aprendizes da construção civil a fim de executarem importantes transformações.

Na tipografia, concluídas as obras na secção Monotype, segundo consta, o escritório vai beneficiar também de alguns melhoramentos. Aliás, tudo quanto diz respeito ao serviço de formação tecnológica precisa de local adequado: arquivo, ficheiro, biblioteca, fotocopiador, máquina de cinema, etc. etc. E, segundo o Júlio, sossego e nada de intromissões.

GENTE NOVA — Continuam a chegar mais rapazes novos, vindos de diversas partes.

Estamos a arranjar maneira de cozinhar apelidos... É velha tradição.

NOIVADOS — Realizaram, somente, mais dois dos nossos o seu noivado: Leitão e Ana, Quim e Eulália.

É de assinalar a importância da homilia do nosso P.e Carlos, centrada no profundo valor e responsabilidade da preparação do Sacramento do Matrimónio, sob os aspectos humano-divinos. Por fim, foi ponto de união a Sagrada Comunhão.

Não há dúvida. Satisfaz-nos muito a sequência de noivados em nossa Capela. Até como símbolo de crescente paternidade dos nossos colegas.

Que Deus nos ajude a ser cada vez melhores.

Henrique

Miranda do Corvo

Como não podíamos ir a casa de todos, fomos a casa da senhora Conceição que nos vem ajudar na roupa.

Depois tivemos de ir a casa dos pais dum dos jogadores e ali esperava-nos uma ótima merenda.

Era quase noite e ainda tivemos de ir a casa da mãe da senhora de nossa Casa.

E, assim, neste ambiente de amizade e carinho, passou-se a tarde e regressámos a Casa.

Deixamos aqui a nossa gratidão ao bom povo dos Moínhos.

A. Martins



UMA CARTA

«Queridos Amigos:

Há muito que não vos escrevia, mas creiam que nunca vos esqueço e quando chega o nosso querido Jornal, é logo lido, de ponta a ponta e assim, vou sabendo da vossa vida, problemas, alegrias, etc., e peço sempre a Deus por vós.

Esta carta é mais dirigida aos meus amigos tipógrafos, satisfazendo um pedido que, já há muito devia estar satisfeito mas, como vale mais tarde do que nunca, vocês vão desculpar esta atrasada. É o seguinte:

O Jornal, vem em nome do meu marido, Francisco..., assinante n.º 3880 ou 3380. Não se percebe bem e eu já só cá tenho os dois últimos números, pois os outros já os mandei para os soldados de Angola e outras vezes vou levá-los às reclusas da Mónica. Mas, continuando: o Jornal, vem em nome dele e os Livros, preciosos Livros, que eu adoro, vêm em meu nome; portanto, peço-vos o favor de passarem o Jornal para meu nome, pois como sou

Alda, recebo-os muito primeiro do que os Franciscos... Está bem? Desde já vos agradeço e como a assinatura deve estar atrasada, juntamente envio 100\$00 para ela e quando houver mais livros, já sabem!

Gostei muito de saber que tiveram boas férias. Eu, também, e até tive a sorte de ter apanhado um rico mês de Junho, com bom tempo, tanto no Algarve, como em Trás-os-Montes. Foi de extremo a extremo. Meu Pai era transmontano e eu gosto imenso de passar um tempo na aldeia em que ele nasceu e onde tenho a casa, que era dele. Gostava muito de crianças.

Pois façam o favor de mandar o Jornal, para a direcção que vai no remetente da carta e muito obrigada.

Até breve, se Deus quiser. Os meus cumprimentos para o Sr. P.e Carlos e um grande abraço para todos os amigos Gaiatos. Vossa amiga

Alda»

Aproxima-se a data de 25 de Dezembro. Se ela realmente assinala um facto importantíssimo da História dos Homens — o nascimento de Cristo em terras da Palestina, a começar a nossa era — ela assinala também que esse mesmo Menino continua a nascer hoje e sempre em cada um de nós. E se assim não entendermos o Natal, este nunca poderá ser autêntico! Se é verdade também que esta quadra se reveste de muita alegria, de muita paz, uma autêntica «festa de família», ela não é apenas sinónimo disto. Com ela vem também um período de contemplação e análise, necessário para podermos discernir convenientemente sobre a validade ou o verdadeiro sentido do que o Natal representa em nós, nesta pequena «caixinha» que define o nosso íntimo. Natal significa não apenas alegria e paz exteriores mas, outrossim — e aqui existe muito mais importância — alegria e paz interiores. Natal é o tempo de retrospectiva, de forma a destrinçarmos o mau de outora e convertê-lo no bom de hoje. Natal é ponto de partida para uma vida melhor; é dar

Natal

guardada em nosso coração ao Cristo Pequeno de Belém.

Infelizmente há tanta gente que vê nesta quadra festiva somente uma «festa de familiares e para familiares». Festa cheia de fartura, doces, consoadas de Natal, chaminés com prendas, pais-natal, presépios, árvores de natal, bonitos cartões de boas-festas, lojas com montras luxuosamente expostas e, acima de tudo, com dois feriados para descansar, para o cinema e outros divertimentos. Esta época é, na verdade, a mais bela, a mais doce e a mais alegre de quantas há no calendário anual. Por isso a nossa colaboração para que ela assim seja. E daí os engalanamentos, os floridos, as iluminações, as vélinhas às cores e tudo o mais que agrada à vista. Mas viver um Natal assim, parece-me que é apenas vivê-lo à maneira das crianças. Este é o Natal dos Pequenos!... Festa que é também necessária. Se nós adultos com ele mitigamos saudades de outros tempos e damos alegria aos miúdos, estamos no caminho certo. Mas não nos limitemos a isto. Nós somos adultos. O Natal das crianças é para as crianças e o dos adultos é para os adultos. Cada coisa no seu lugar! Por tudo quanto foi dito e por tudo quanto a experiência e o amadurecimento nos dizem, concluímos que esta data tem de ser para nós, forçosamente, «um regresso a Nazaré». Não regresso feito através dum presépio figurado, mas através da vida e de factos palpáveis. Ele tem de ser um passo em frente para uma vida melhor em or-

dem à construção dum mundo melhor. Um limar de arestas para obtermos um todo perfeito. Depois disto é que é altura de colocar então tudo o mais, desde o presépio (miniatura material do que teria sido esse grandioso acontecimento de dois milénios atrás) às mais espontâneas manifestações de alegria...

Que assim esta quadra festiva passe por nós e nela encontremos as mais calorosas e inesquecíveis «Boas-Festas».

Rogério

FESTAS

Cont. da PRIMEIRA página

Temos de ver que vamos desorganizar a organização; primeiro problema; e o segundo, organizar a desorganização.

Por isso NÃO às Festas. **Só concordo que o voto da malta seja aceite mediante uma tese que o justifique. De contrário tem que o sim ganhar.**

Ora cá eu, também vou por esta opinião. Mas como pusera o problema, esclarecera as razões da minha perplexidade e pedira um sim ou um não, a dar por cada um após reflexão conveniente, aliás sugerida na reunião — não tinha mais nada a exigir; nem tenho mais que respeitar o resultado obtido segundo fórmulas de uma sincera democracia que ambos os dois muito consideramos e para a qual, penso, já nos achamos preparados.

E vamos à Festa!

As nossas edições

É impossível, completamente impossível, dar à estampa todos os documentos que nos chegam, diariamente, sobre as obras de Pai Américo. Custamos muito escondê-los, por falta de espaço. A luz não se deve pôr debaixo do alqueire. E mais: seria pecado de omissão não motivar outros como nos for mais fácil e oportuno. Uma frase de Pai Américo sobre os meios de comunicação social, lançada ao ar no Rádio Clube de Moçambique, em 1952, testemunham isso mesmo, ao avaliar a distância de duas épocas: a nossa e a da vinda do Senhor Jesus, há quase dois mil anos. Está no «Viagens». E está no prelo a 2.ª edição reordenada e aumentada.

• UM DESABAFO

Olhem para esta carta-desabafo de um Professor metodólogo, de Lisboa. Precioso documento que vai abrir os olhos a muita gente:

«...Pela 2.ª vez me sucede começar as minhas férias com a leitura, gulosamente feita, de um volume das vossas edições, neste caso o «Isto é a Casa do Gaiato», devorado num ápice. O conjunto de tais edições — que presumo possuir completas — tem-me ajudado muito na compreensão dos jovens, das pessoas, do Evangelho, que Padre Américo, a um tempo, tão humana e tão divinamente soube interpretar.

Tem sido ele o meu mestre de Pedagogia Prática — e nunca deixei de o confessar aos meus Professores Estagiários.

Não entendo como é que, nos textos modernos das actuais Antologias da língua materna,

não entram extratos destes volumes, donde se vê brotar uma naturalidade real, espontânea, não rebuscada, cheia de vida, rica de cor — enfim, altamente educativa, independentemente de qualquer credo político ou religioso. Não entendo! Talvez todos entendamos: desactualizado preconceito, ou desconhecimento (?), ou a infeliz mania lusitana de procurar lá fora aquilo que cá dentro e no género é de melhor cepa. Que Deus, servindo-se dos jovens nas suas contestações, quando legítimas, nos possa abrir os olhos a todos.

E não vou terminar este desabafo..., não assino sem recordar os episódios de maior riqueza humana no tocante a nobreza de sentimentos e que me foi dado ler neste volume:

Logo a começar, o «rádio levado para consertar», uma página de boa filosofia, da autêntica: a confiança no outro, amizade recíproca, sem atavios nem afirmações verbais; depois, os melhores cachos de uvas para os doentes, a maravilhosa e espontânea técnica de libertação dos humedecidos, a contabilização escrita das maçãs, o modo e o porquê do nascimento da «cunha», o folclórico e realista «que sim, que não» dos hesitantes... o Padre Américo reffillando quando a razão lhe assiste, corajoso, mas não ostensivo...»

Não podemos parar! É a afirmação de tantos que, religiosamente, vêm até nós incendiar-nos também. Estes documentos d'alma espevitam. Como espevitam outros e outros por esse mundo fora. E de que maneira!

• AGORA É O «VIAGENS»

Agora, é o «Viagens». Advento frutuoso. Estamos quase no fim da impressão. A máquina de Quim Oliveira arruma o trabalho durante o mês de Janeiro. Depois, é a azáfama de «Zucaça», «Recocheco», Veiga & C.ª na encadernação, até à ponta final. Entretanto, vai crescendo o apetite dos nossos leitores. Como este, de Oeiras:

«Venho pedir o favor de tomarem nota de mais uma inscrição para os vossos livros. Logo que saia o «Viagens» mandem-no para..., assim como todos os que forem saindo daqui em diante. Arranjei outra apaixonada pelas vossas leituras. É uma avó que depois de os ler os oferece aos bisnetos. Sinal de que encontra neles leitura sã. Eu já sou assinante. Por isso, cá fico também aguardando a minha vez...»

Não podemos parar! Di-lo a repercussão da lembrança, a propósito do «Viagens».

Aqui vai mais uma representante dos nossos leitores. É lisboeta:

«... Gostaria imenso que me colocassem na primeira fila dos que desejam o «Viagens» do querido Pai Américo...»

Não podemos parar! Di-lo as remessas constantes que Ave-lino prepara e despacha, quase todos os dias, pelo correio. E a gente vai olhando para as estantes e o «Porta Aberta» e outros estão a esgotar! E mais e mais e mais — como diria Pai Américo.

Júlio Mendes

Tribuna de Coimbra

Um Homem. Um Pai. Ficou viúvo muito cedo e, a prendê-lo à carinhosa esposa, ficaram duas filhas pequeninas e um menino de poucos meses. Aceltara heróica e cristãmente os filhos e agora aceltaria, do mesmo modo, ser pai e mãe.

Deus deu-lhe uma mãe que quis ser avó e mãe também.

Este homem tem o dom de servir. Servir sem posto e sem posta. Está sempre disponível. Servir na Câmara Municipal, nos Bombeiros Voluntários, na Cooperativa Agrícola, na Misericórdia, no Clube, no Grupo Recreativo, nas Conferências Vicentinas, no Asilo-Creche.

As construções e reparações de casas de famílias pobres e aflições dos mesmos têm sempre a sua mão; a vida cristã da comunidade sente nele alma de apóstolo; todos os que necessitam de ajuda encontram neste Homem a porta aberta. Já algumas vezes lhe ouvi dizer: «Deus dá-me sempre para repartir. Nasci pobre, quero viver pobre e morrer pobre. Que Deus me ilumine e ajude».

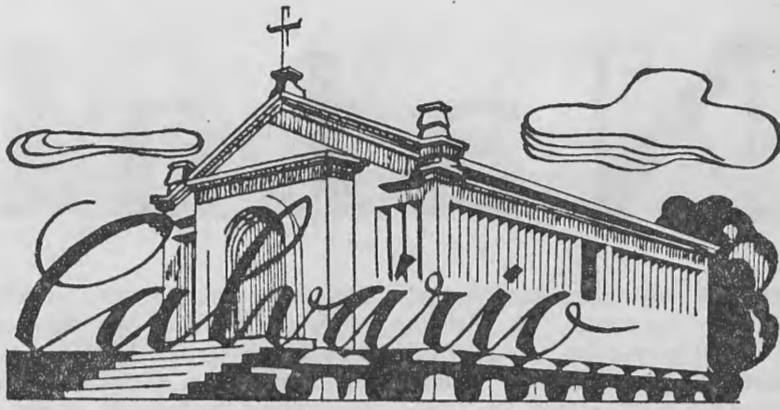
Se nos fosse possível saber quais têm sido os nossos melhores amigos, sempre prontos a dar-nos a mão, teríamos de contar este nos lugares cimeiros.

Os filhos têm sido um bom fruto da sua paternidade. Pai atento e discreto. É companheiro, sem deixar de ser pai. As duas filhas concluíram agora o seu curso universitário. Reuniu, em festa, alguns amigos e os gaiatos foram também convidados. Pai e filhos mereceram esta festa.

Não canonizamos. Mas, no tempo em que os Homens são raros, este Homem merece o nosso aplauso e o nosso respeito.

Padre Horácio





Com P.e Baptista no Ultramar, ao serviço da Obra, coube-me ser «Cireneu» no Calvário.

Já por cá tenho passado em situações análogas, mas nunca, como desta, senti o peso e a angústia de tantos pedidos para recebermos doentes.

No correio, por cada 3 cartas, duas são pedidos.

Pelo telefone, só por excepção não o é.

Pessoalmente, acontece o mesmo.

Para todos só temos, presentemente, uma resposta a dar: NÃO.

Se dizer não é, já por si, doloroso, mais doloroso se torna ter de aguentar a insistência das pessoas, roubando-nos tempo precioso e, muitas vezes, ouvindo disparates chocantes contra tudo e contra todos, desde o Governo à Igreja, por não haver mais Casas para receberem doentes incuráveis e indesejáveis nos seus meios. Não raro, são os serviços

oficiais da Assistência a teimar que só nós temos resposta para múltiplos problemas levantados por doentes hospitalizados que não têm casa nem para onde ir e estão ocupando lugar necessário a outros.

Menos raro, os familiares que não aguentam os de seu sangue que, em tal estado de sofrimento, só dão trabalho e preocupações.

Menos raro ainda, pessoas boas, pertencentes ou não a associações de caridade, expondo a sua impotência perante tantos doentes: crianças; da terceira idade; dementes; acamados; diminuídos físicos; cancerosos; etc. — que enxameiam esse país em fora.

Para todos — e alguns tiram-nos o sono — só temos o chocante não. Este não, não por limitações materiais (Deus nunca nos faltou com o estritamente necessário, nem faltará!), mas por limitações humanas. Uma breve análise das situações que nos são apresen-



NATAL NO CALVÁRIO

Só temos sorrisos para dar. Como o da Maria Alice.

tadas, revela três aspectos a pedir outras tantas soluções arrojadas, mas viáveis, quer no âmbito local, quer no campo regional, quer a nível nacional.

Há, porém, um aspecto gravíssimo a suplantar os aspectos solúveis referidos e para o qual não há instituição, ou governo, ou dinheiro capaz de resolver, porque depende exclusivamente do Homem: É o alheamento das pessoas aos seus deveres para com os próprios familiares e o horror ao sofrimento dos outros, não tanto por comiserção como por egoísmo.

Em cerca de 50% dos pedidos recebidos ressalta este aspecto, embora hábilmente camuflado por mil e um motivos, alguns de peso, mas que seriam facilmente superáveis se, de facto, houvesse um desejo de comunhão com quem sofre e uma procura sincera de amar. Quem ama realmente, faz maravilhas, pois o amor inventa e descobre soluções nunca imaginadas.

Amar assim exige desprezo de interesses e comodismos pessoais, que podem ser legítimos, mas normalmente são mesquinhos. Exige solidariedade no sofrer com os que sofrem; exige doação e persistência.

Nos tempos que correm, amargura-nos ver-se ceder vertiginosamente estes valores, que são vida, a tanto egoísmo, que é morte. Pois, amanhã, todos receberemos consoante o amor que agora dermos.

Padre Abraão

O NOSSO ANIVERSÁRIO

Cont. da PRIMEIRA página

ver, escreva como quem reza. Prepare-se como quem vai falar de Deus. Só desta forma corresponde e faz valer o dom». Que «os padres da rua só podem crescer e caminhar na medida em que se convençam das maravilhas que Deus opera pelas suas passadas e as preguem ao mundo. Doutra maneira seria desperdiçar!»

O que S. Paulo já escrevera há muito: «Morri. E a minha vida está escondida com Cristo em Deus». Tal como a semente escondida no seio da terra, necessariamente morre para que germine vida nova e mais abundante.

Este Janeiro, completamos a idade de Jesus. Aquela em que souu a Sua hora, a hora para que veio, a hora em que consumou a Salvação.

A Obra da Rua é um acto salvífico de Deus. Que esta lembrança seja sugestão e estímulo perenes a confirmar-nos homens de muitas mortes por amor da Vida.

«A CIDADE DOS HOMENS

Subi à torre do Castelo. A altura tornou a cidade mais próxima; tinha a impressão de poder acariciá-la não só com o olhar mas também com as mãos. E contemplei-a longamente nos seus contornos geográficos e humanos.

Ela estava ali diante de mim, laboriosa, afadigada nos mais diversos sectores da actividade.

A cidade terrena edifica-se dia a dia no esforço de indivíduos e comunidades. E vem-la crescer ao ritmo do dina-

PRESENÇA DA IGREJA

mesmo e generosidade dos seus cabouqueiros. E louvamos o trabalho do homem que aperfeiçoa e completa a obra do Deus Criador.

O cristão tem uma visão alegre e optimista das realidades terrenas: a própria visão de Deus que ao criar viu que tudo era bom; não se furta à fadiga de ser homem; cidadão da cidade temporal, está presente com valentia em todas

as actividades honestas: políticas, económicas, sociais; a ausência e o indiferentismo são traição; sente-se responsável pelo futuro da humanidade; convencido de que nada do que é humano lhe pode ser estranho, esforça-se por ser o melhor servidor da comunidade civil.

Os seus deveres religiosos e familiares não esgotam toda a exigência da sua vocação cristã.

A CIDADE DE DEUS

Mas a cidade dos homens faz apelo à cidade de Deus, porque o homem, ainda que o não saiba, é peregrino do Absoluto. O cristão, fermento do mundo, deve tornar divinos os caminhos do homem; quero dizer que deve iluminar com a doutrina do Evangelho todas as realidades terrenas e ordená-las segundo Deus. É a palavra de ordem de S. Paulo: «Tudo quanto fizerdes em palavras ou em obras fazei-o em nome do Senhor Jesus dando por meio d'Ele graças a Deus Pai» (Col. III, 17). Não pode o cristão guardar Cristo para si, no santuário íntimo da consciência, no aconchego do lar, ou nos actos cotidianos do templo. A vida corrente, vivida ao ar livre, de cara voltada às intempéries, é também espaço do seu encontro com o Senhor,

campo do seu afã apostólico, tema do seu diálogo de amor, trâmite da sua santidade laical. Trata-se de levar Cristo à rua, ao campo, à família, ao espectáculo, à cátedra, ao governo, ao convívio humano e social... Era assim que procediam os primeiros cristãos: serenamente, ao ritmo da vida, na espontaneidade da existência quotidiana, meteram nas entranhas da sociedade pagã um novo espírito, uma nova concepção do mundo, uma alma nova. Assim actuam o fermento e o sal que nós somos.

A todos os cristãos o Bispo pede que, movidos por um delicado sentido de responsabilidade pessoal, perante a Igreja e o mundo, sem aguardarem mandato OFICIAL, vivam afanosamente a sua vocação apostólica que decorre logicamente da vocação baptismal. Temos de povoar o mundo de santos: homens e mulheres de carne e osso enraizados na comunidade humana, fervorosos na acção e entregues à contemplação. Porque esta é a vontade de Deus: a nossa santificação.»

Bispo de Leiria

(in «A Voz do Domingo»)

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUÊ



Aqui, LISBOA!

Cont. da PRIMEIRA página

ainda lhes mandemos as migalhas das nossas mesas e digamos que são nossos Irmãos... Mas comemorar o Natal assim, pouco ou nenhum valor terá se, podendo, na esfera das nossas responsabilidades, nada mais fizermos. E como o ano tem 365 ou 366 dias, se nos lembramos, se é que isso sucede, das necessidades dos esfomeados e dos carecidos apenas num deles, até corremos o risco de lhes avolumarmos os males, por qualquer indisposição consequente...

Vamos a viver o Natal em todas as suas exigências e na sua verdadeira grandeza. O

Menino cujo nascimento iremos lembrar, veio dizer-nos que somos irmãos uns dos outros e que Deus é Pai de todos os homens. Sendo assim, numa linha de coerência que deve ser uma constante preocupação nossa, vamos pôr de lado os nossos egoísmos e preocuparmo-nos seriamente dos mais desfavorecidos, a começar na nossa própria família, no próprio prédio ou na rua em que habitarmos. Só deste modo os homens se poderão considerar filhos do mesmo Pai e terá valido a pena o Natal de Jesus. Tudo o resto será vão e sem sentido.

Padre Luiz

